



Pesquisadora do Amazonas estuda combate à mosca-negra em cooperação com a ESALQ

Recém surgida nos pomares paulistas, a mosca-negra-dos-citros (*Aleurocanthus woglumi*) já é objeto de pesquisa na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (USP/ESALQ). Formas de combate de aspecto preservacionista, através de controle biológico, são os estudos desenvolvidos pela agrônoma Márcia Reis Pena, aluna de doutorado da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), no programa de pós-graduação em Agronomia Tropical com sanduíche na Escola.

Até então, só havia registro desse inseto na região norte do país, mas, recentemente, a praga foi encontrada na região noroeste de São Paulo, nas cidades de Artur Nogueira, Cosmópolis, Engenheiro Coelho e Holambra, sendo esta a primeira vez que a praga atinge o Estado, segundo a Secretaria de Agricultura. “A mosca-negra é bem conhecida no mundo todo, como nas Américas do Norte e Central, Ásia, África e Oceania, mas no Brasil chegou apenas em 2001. Hoje, no Pará, 70% dos municípios do estado estão infestados pela praga”, afirma.

Provavelmente, sua disseminação ocorreu através do transporte de material vegetal, principalmente de mudas infestadas e plantas ornamentais, que podem ter sido hospedeiras do

inseto. Uma vez introduzida numa nova região, a disseminação pode ocorrer pelo vôo do adulto.

De acordo com Márcia, a mosca-negra ataca principalmente as folhas novas das plantas cítricas e pode comprometer grande parte da produção. Ela reduz a respiração e a fotossíntese da planta causando perdas de até 80% na frutificação de citros e de 20% a 80% na produção da lavoura. “Tanto na fase adulta como na fase de ninfa, a mosca se alimenta da seiva, debilitando a planta e liberando uma excreção açucarada na superfície da folha facilitando o aparecimento da fumagina (fungo *Capnodium* sp.). A presença desse fungo reduz a fotossíntese, impede a respiração e diminui o nível de nitrogênio nas folhas”.

A pesquisadora já estuda formas de combate à mosca-negra desde o mestrado, também em cooperação UFAM/ESALQ, com a co-orientação do professor José Djair Vendramim, docente do Departamento de Entomologia, Fitopatologia e Zoologia Agrícola (LEF) e orientação do professor Neliton Marques (UFAM). “Neste estudo foi avaliado o ciclo de desenvolvimento do inseto e o uso do fungo *Aschersonia* sp., onde obtivemos óti-

mos resultados para o controle da mosca-negra em condições de laboratório”.

A identificação biológica do inseto no país já foi feita e, atualmente, já se sabe como a mosca cresce, se desenvolve e que seus hospedeiros preferidos são as plantas de citros. A partir daí, são estudadas formas de controle. “O inseto é de fácil disseminação e a fêmea reproduz com muita facilidade, podendo ter até cinco gerações por ano”. Outra característica importante é a forma espiral com que a fêmea deposita seus ovos na face inferior das folhas.

Como o controle químico da mosca por meio de inseticidas é oneroso e pouco eficiente especialmente quando realizadas sobre as posturas deste inseto e, como também, o fato da abundância de hospedeiros tanto de plantas cultivadas quanto de plantas silvestres facilitarem as reinfestações, outras formas de combate vêm sendo testadas, como o uso de parasitóides, predadores e plantas inseticidas. “O controle biológico, através de fungos entomopatogênicos, parasitóides, predadores e cultural, através de cercas vivas, têm se mostrado mais eficientes, pois a mosca-negra possui vários inimigos naturais”.



Ovos são depositados em forma de espiral

Assim, a tese de Márcia será desenvolvida também em parceria com a ESALQ e co-orientação do professor Djair Vendramim, testando dez espécies de plantas inseticidas como, por exemplo, extrato de timbó e nim. “Para um combate eficiente, é necessário usar várias frentes de ações”.

Mais - www.esalq.usp.br/acom-marcelot@esalq.usp.br - USP/ESALQ - Av. Pádua Dias, 11 CP: 9 - Piracicaba - SP - 13.418-900 - Tel: (19) 3447.8613/3429.4485/3429.4477 - Fax: (19) 3429.4109